



AGENDA DA PARÓQUIA

Missas Dominicais

SÁBADO
29
DEZEMBRO

- 17h00: Bicesse (P. Salesianos)
- 18h00: Malveira (P. João Braz)
- 18h00: Alcabideche (P. Carlos G.)
- 18h00: Alvide (P. Luis Fialho)
- 18h30: Manique (P. Salesianos)
- 18h30 - CAD (P. Alberto R.)

DOMINGO
30
DEZEMBRO

- 9h00: Conceptionistas (P. Luis Fialho)
- 9h30: Neves (P. Salesianos)
- 10h00: Alvide (P. Salesianos)
- 10h30: Bicesse (P. Salesianos)
- 11h15: Alcabideche (P. Carlos G.)
- 11h30: Murches (P. Salesianos)
- 11h30: Manique (P. Salesianos)
- 12h00: Cruz Vermelha (P. Alberto R.)
- 18h00: Lar Alcabideche (P. Luis Fialho)
- 18h30: Janes (P. Paulino)

Missas do Natal

Segunda
24
DEZEMBRO

- 22h00: Cruz Vermelha (P. Alberto R.)
- 22h30: Malveira (P. Avelino)
- 23h00: Alvide (P. Carlos G.)
- 23h00: Bicesse (P. Salesianos)
- 23h00: Murches (P. João Braz)
- 24h00 - Alcabideche (P. Salesianos)

Terça
25
DEZEMBRO

- 9h00: Conceptionistas (P. Luis Fialho)
- 9h30: Neves (P. Salesianos)
- 10h00: Alvide (P. João Braz)
- 10h30: Bicesse (P. Salesianos)
- 11h15: Alcabideche (P. João Braz)
- 11h30: Murches (P. Salesianos)
- 11h30: Manique (P. Salesianos)
- 12h00: Cruz Vermelha (P. Alberto R.)
- 18h00: Lar Alcabideche (P. Luis Fialho)
- 18h30: Janes (P. Paulino)

CONTACTOS

Morada: Largo de S. Vicente, 2645-080 Alcabideche
 Telefone: 21 596 15 06
 Mail: geral@paroquiadealcabideche.pt
 Site: www.paroquiadealcabideche.pt
 paroquiadealcabideche

Confissões

- * Matriz de Alcabideche: 2ª a 6ª feira, das 18h30 às 19h00
- * Alvide: sábados, às 17h00
- * Salesianos de Manique: todos os dias (excepto 4ª feira e Domingo), das 16h30 às 18h30

Reuniões Permanentes

Legião de Maria

- Alcabideche: Sábados às 15h30
- Alvide: 2ª feira às 09h00
- Bicesse: 4ª feira às 16h00

Grupo Bíblico

- Alcabideche: 3ª feira às 21h00

Ulreia

- Cascais: Igreja da Ressurreição, 4ª feira às 21h30

Atendimento Paroquial

Cartório

- 2ª a 6ª feira, das 15h00 às 19h00
- Sábado das 10h00 às 13h00

Pároco

- 3ª a 6ª feira, das 16h00 às 18h30



PARÓQUIA DE S. VICENTE
DE ALCABIDECHE



PARÓQUIA DE S. VICENTE
DE ALCABIDECHE

BOLETIM PAROQUIAL

À ESCUTA DA PALAVRA

EVANGELHO SEGUNDO S. Lucas 1, 39-45

Naqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se apressadamente para a montanha, em direcção a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino exultou-lhe no seio. Isabel ficou cheia do Espírito Santo e exclamou em alta voz: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor? Na verdade, logo que chegou aos meus ouvidos a voz da tua saudação, o menino exultou de alegria no meu seio. Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor».

Comentário

Na proximidade do Natal, S. Lucas partilha connosco uma cena da vida real com as seguintes figuras: visivelmente, Maria que visita e Isabel que é visitada em sua casa; ocultas nos seus seios, Jesus e João Baptista, que se manifestam com sinais de alegria: «exultam de alegria»; e há ainda uma outra figura invisível, o Espírito Santo, a inspirar Isabel nas palavras dirigidas a Maria: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre», e ainda,

«donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor?» Reparemos que estas palavras (de Isabel) são uma autêntica profissão de fé, a última profecia a cumprir-se, tornada primeira profissão de fé em Jesus, que estava a ser gerado no seio de Maria. Declarado «Senhor», antes declarado «bendito», antevisão do «bendito o que vem em nome do Senhor», da futura entrada em Jerusalém. Isabel acreditou no mistério de Deus no seio de Maria; acreditou em Jesus oculto, antes do seu nascimento. Acreditou, e por isso falou («acreditei por isso falei» (2Co 4, 13). Nós, hoje, à distância do tempo, acreditemos no mistério de Deus revelado em Jesus, igualmente oculto: na distância do tempo; na transcendência; na invisibilidade material; na inacessibilidade aos sentidos; oculto na simbólica do Natal, que temos dificuldade em interpretar. Porém, inspirados pelo Espírito Santo, a exemplo de Isabel, somos desafiados a acreditar para, depois, professarmos. Acreditar na profecia e no seu cumprimento; no amor que se realiza na plenitude dos tempos: «Deus amou tanto o mundo que lhe enviou o Seu próprio Filho» (Jo 3, 16). No dar e receber desta quadra que nos embala, saibamos dar com gratuidade, sem esperar recompensa, e receber com gratidão, reconhecendo a grandeza e a dignidade de quem dá. E, sobretudo, ousemos dar aos outros, e ao Outro, o mais importante: o coração.



MENSAGEM DE NATAL

2018

O PRESÉPIO SOMOS NÓS

Mais um Natal! Mais um entre tantos outros que passaram ou que não de vir. O que é que, de facto, somos convidados a ver, e a viver, para que não seja apenas mais um Natal, cujo sentido a rotina corrói e a tradição obscurece? O que vemos, ou podemos ver, na simbólica natalícia para a qual olhamos em cada Natal? Isto é, no interior, no âmago do sinal, o que vemos ou podemos ver? S. Agostinho define o sinal como «toda a coisa que, além da impressão que produz em nossos sentidos, faz com que nos venha ao pensamento outra ideia distinta. De facto, o nosso tempo está marcado pela superficialidade na aproximação ao Mistério. Temos dificuldade em ler os sinais veiculados pela memória que percorre os tempos. Na vivência, muitos reconhecem no Natal, apesar de tudo, algo de mistério, transcendente, sobrenatural, superabundante de plenitude, divino, porém, ignoram-lhe a fonte, o acontecimento que está na sua origem; ou dele têm complexos em falar.

O que vemos nós, na árvore, nas luzes, na troca de presentes, na festa da família, enfim, no presépio? Façamos o caminho de escavação, de redescoberta, de decantação, de revelação do que está escondido na simbólica do Natal.

Porque não ver na árvore com suas folhas perenes que, enraizada na terra, se ergue firme para o Alto em busca da luz do sol, a imagem do que nós somos (chamados a ser): seres que do barro da nossa humanidade se levantam para o Alto (Deus) em busca da Luz, cuja fonte é Jesus nascido em Belém, que disse de si mesmo: «Eu sou a Luz do mundo» (Jo 8, 12). Árvore da vida na qual foi rectificadora a desobediência dos primeiros pais pela obediência d'Aquele que veio ao mundo e deu a vida em atitude de obediência (ao Pai). Natal é, portanto, apelo a olhar, a crescer, para o alto, donde brilha a Luz.

Levantados do chão, assim somos e queremos ser: do chão da nossa identidade à procura de redenção; do chão da humildade da nossa condição humana ousando a superação dos nossos limites; do chão do nosso quotidiano, das nossas lutas e combates, também alegrias e esperanças em busca de sentido, de plenitude; do chão da fragilidade do nosso pecado em busca da misericórdia e do perdão; do chão da nossa fome e sede de justiça, de paz, de amor.

Porque não vemos nas luzes de Natal a Luz que ilumina todo o homem que vem a este mundo? Porque não ver nas luzes o reflexo da estrela que guiou os Magos do Oriente até Belém, no desejo sincero de contemplarem o Menino nascido de Maria? Que estrela, hoje, nos poderá conduzir a Jesus? Só a luz da fé nos levará a Jesus, aquela que brilhará no candelabro do nosso coração, cuja vigilância para que não se apague deverá ser constante; cuja vontade para a reacender, quando se apagar, deverá ser premente. Só a luz da fé a brilhar dentro de nós permitirá ver a profundidade da nossa vida envolta no mar imenso do Amor de Deus, que «tanto amou o mundo que lhe enviou o Seu próprio Filho» (Jo 3, 16).

Porque não ver na troca de presentes, instrumentalizado, é certo, pelos impérios comerciais do nosso tempo, a gratuidade no dar e a gratidão no receber, o convite a dar ao outro mais que um presente: a vida. Dar-se, portanto, é mais importante do que dar. Inspirados nos presentes dos Reis Magos a Jesus, como reconhecimento da sua realeza (ouro), da sua divindade (incenso), da sua mortalidade (mirra), como sinal de gratidão do presente do Céu à terra – Jesus – saibamos oferecer a Deus o presente principal que Ele merece – o nosso coração, a nossa vida, que encontra no acto de fé e de obediência a sua realização.

Na festa da família, inspirada na sagrada família de Jesus Maria e José, saibamos valorizar – ressuscitar! - a família na crise profunda em que se encontra mergulhada. Ela será (deverá ser) sempre berço da vida, calor das relações humanas, casa da comunhão, comunidade de vida e de amor, Igreja doméstica onde germinam e crescem as sementes que Jesus semeou no campo da humanidade.

Por fim, o que vemos no presépio? Tão somente aquilo que ele representa: o nascimento de Deus segundo a humanidade: «anuncio-vos uma grande alegria: nasceu-vos, hoje, o Salvador, que é Cristo Senhor» (Lc 2, 11). E a urgência de sermos o presépio vivo onde Jesus pode / deve / quer nascer.

Santo e feliz Natal (com Jesus).